

A DINÂMICA DO SENTIDO NO DESLOCAMENTO ESTRUTURAL

MARIÂNGELA PECCIOLI GALLI JOANILHO*

Universidade Estadual de Londrina

RESUMO: O objetivo deste artigo é apresentar um conjunto de reflexões para que seja possível o estabelecimento de uma compreensão da noção de estrutura em suas relações com o exterior da enunciação. O que se busca é, sobretudo, compreender o funcionamento de alguns procedimentos de textualidade, que constituem os sentidos do texto no acontecimento, reinscrevendo a palavra-chave (a estrutura ou o deslocamento estrutural) na história deste conceito. Temos, pelo menos, dois motivos para isso: delinear uma concepção de estrutura que seja pertinente ao tratamento das questões relativas à textualidade, bem como pensar a relação da materialidade da língua com seu exterior constitutivo. De um lado, o trabalho visa contribuir para a História das Ideias Linguísticas, da qual fazem parte, em diferentes momentos e a partir de abordagens diversas, os conceitos de estrutura e textualidade. De outro lado, o trabalho visa contribuir para a reflexão sobre os conceitos operados pela Semântica do Acontecimento. Em particular, interessa refletir sobre o que se pode chamar de “estrutura” em uma semântica histórica da enunciação.

ABSTRACT: The aim of this paper is to present a set of reflections for the establishment of an understanding of the notion of structure in its relations with the exterior of the enunciation. It searches, above all, to understand the functioning of some procedures of textuality, that constitute the directions of the text in the event, by submitting the keyword (the structure or the structural displacement) in the history of this concept. We have, at least, two reasons for this: to delineate a conception of structure that is pertinent to the treatment of the relative questions to the textuality, as well as thinking about the relationship of the materiality of the language with its exterior constituent. Of one side, the research work aims at contributing for the History of the Linguistic Ideas, of which they are part, at different moments and from different approaches, the concepts of structure and textuality. Of another side, the work aims at contribute for the reflection on the concepts operated by the Semantics of the Event. In particular, it interests is to think about what it could be called “structure” in a historical semantics of the enunciation.

INTRODUÇÃO

O título deste artigo coloca uma questão que surgiu como desdobramento da tese de doutorado e, mais recentemente, da pesquisa de pós-doutorado, desenvolvida na *École Normale Supérieure des Lettres et Sciences Humaines*, em Lyon, na França – língua, ciência, história, sentido eram conceitos sobre os quais me centrei nesses dois momentos, e o debate sobre a sua significação tocava, de certo modo, a compreensão da significação da/na estrutura.

* UEL – CAPES“COFECUB (BEX1631“06-3) Laboratório ENS-LSH: TRIANGLE – UMR 5206 – Lyon – FR (2006-2007).

Então, esta é a questão que se coloca – a da relação entre estrutura e sentido – e à qual tentarei responder seguindo os caminhos propostos pelas abordagens que tratam do sentido não pelo imediatismo das evidências, mas pelas sutilezas de seu funcionamento na ordem do acontecimento.

Encontro aí umas das primeiras barreiras para o tratamento da questão, na medida em que os dois conceitos não se relacionam numa unidade harmônica, ao contrário, a relação entre eles é produzida num universo de tensões e num regime enunciativo em que a construção discursiva do referente para cada um deles é marcada por predicacões que vão muitas vezes em sentidos opostos. Eu tomo o seguinte exemplo:

Tive a curiosidade inicial de procurar essas palavras em dois dicionários, cuja escolha foi aleatória – um de termos linguísticos e outro de análise do discurso, para ver como se estabeleciam os limites de seu pertencimento. No dicionário de AD, o termo estrutura só aparece na sua significação textual, como *superestrutura* – no sentido em que a Linguística de texto a propõe. Nesse mesmo dicionário, o termo sentido não aparece definido, não há uma entrada para ele, nem mesmo nas relações entre palavras de domínios conexos, como denotação, conotação, ou acontecimento. Não se definem nem os campos de estudo – semântico, semiótico, por exemplo, nem os termos a eles relacionados (sentido, significação). Portanto, no dicionário, estrutura e sentido não pertencem ao domínio discursivo, embora o sentido faça parte do conjunto de suas conceituações: quando se define, discurso, enunciado, enunciação ou efeito de sentido trata-se do sentido ou da significação.

No dicionário de termos linguísticos, a palavra estrutura aparece nomeando em uma significação bastante ampla, tudo aquilo que indica uma ordem de relações abstratas em um sistema semiótico, como uma rede de unidades inter-relacionadas, podendo especificar-se os significados das partes apenas com referência ao todo (a noção saussureana de *valor* constrói este sentido de estrutura no domínio linguístico). O termo sentido aparece numa perspectiva formal, como contraponto de referência, em termos fregeanos, ou do conceito russelliano de extensão. Isso tudo para dizer que o dicionário nos oferece uma forma de ver os domínios de significação dos termos ou como algo que não se nomeia, ou como algo que faz parte de um regime relativamente normal do sistema, da língua. Para mim, o que interessa é verificar a historicidade das formas no processo de significação, isto é refletir sobre o conceito de estrutura por meio da dinâmica enunciativo-acontecimental, em que o objeto estrutural seja compreendido como espaço de retextualização do sentido, refazendo então a divisão da unidade analítica que opõe sentença e enunciado.

Para isso, uma outra possibilidade se coloca: verificar a circulação do conceito de estrutura a partir da dimensão de suas relações com a perspectiva científica que nomeia: o estruturalismo. A nossa questão fundamental será sempre a de pensar sobre o que esse conhecimento nos traz para a discussão sobre o funcionamento da significação na perspectiva da semântica do acontecimento e para a compreensão da história das ideias linguísticas contemporâneas.

AS ESTRUTURAS E SUAS FORMAS

Tomo então o artigo “*Como reconhecer o estruturalismo*”, no qual Gilles Deleuze (1983) pergunta sobre a(s) forma(s) do Estruturalismo e revela uma discussão bastante

interessante sobre a significação. Há, em seu ensaio, uma pergunta que, logo de início, desdobra-se em várias outras sobre o mesmo tema. Tais questões não oferecem ao leitor uma resposta imediata e pontual do assunto, mas várias ordens de respostas configuradas por seis critérios *formais*¹ que o autor enumera para o reconhecimento do Estruturalismo. Precisamos, então, trabalhar essa descrição conceitual de Deleuze, para retomar todos os lances de sua estratégia e percebermos todo o alcance dessa conceituação.

Começemos pelas questões: “(...) a questão “Que é estruturalismo?” é chamada a sofrer algumas transformações. Em primeiro lugar, **quem é estruturalista?** (...). Então, a questão “O que é o estruturalismo?” transforma-se novamente. _ É melhor perguntar: **como reconhecer aqueles a quem se chama estruturalistas?** E que é que eles próprios reconhecem? (...) **Como fazem os estruturalistas para reconhecerem uma linguagem em qualquer coisa, a linguagem própria de um domínio? O que é que encontram nesse domínio?**”²

Diríamos que, de um modo geral, o autor estabelece um quadro enunciativo para suas formulações sobre o Estruturalismo, na medida em que, de suas questões, surgem algumas das categorias formais da enunciação: as pessoas (modeladas pelos *quem* e *aqueles* das duas questões acima descritas), o tempo (claramente explicitado pelo enunciado “*Estamos em 1967*”³), e o espaço (traduzido pelo termo *domínio* que também aparece em suas questões iniciais).

Não podemos deixar de dizer, antes de avançarmos nossas considerações sobre a reflexão que Deleuze estabelece em sua análise da linguagem, que o que nos interessa fundamentalmente de sua pragmática, ou de seu quadro conceitual, é a diferença que estabelece para o metafórico, para o regime da significação, de um modo geral⁴. Poderíamos afirmar que, nesse ensaio de Deleuze, encontramos a delimitação de um conceito de metáfora, coincidente com uma forma clássica de compreensão desse fenômeno, isto é, para o autor, a metáfora consiste em um deslocamento estrutural que deve dar conta ao mesmo tempo do próprio e do figurado.⁵ Isso nos permite pensar a relação entre o estrutural e o enunciativo, a partir da compreensão da dinâmica do sentido.

Voltemos, pois às questões: para respondê-las, o autor propõe, como dissemos anteriormente, seis “critérios formais de reconhecimento”, remetendo sempre aos sujeitos e aos domínios de constituição do Estruturalismo. Assim, teríamos no **simbólico**⁶ um primeiro critério. Nas palavras de Deleuze:

“Estamos habituados, quase condicionados, a uma certa distinção ou correlação entre o real e o imaginário. Todo nosso pensamento mantém um jogo dialéctico entre essas duas noções”. Mais adiante:

¹ O grifo é do autor.

² Estas perguntas aparecem nos dois parágrafos iniciais do texto entre as páginas 245 e 246.

³ O enunciado em questão aparece grafado em itálico, como o reproduzimos, na quarta linha do primeiro parágrafo, à página 245 desse ensaio de Deleuze.

⁴ Para um estudo mais amplo da forma como Deleuze trabalha conceitos “da” linguística, remetemos ao trabalho de ALMEIDA, J.M.C. *Pragmática e Agramatical em Deleuze*. UNICAMP: Campinas. 1998. (Tese de Doutorado – IEL).

⁵ Podemos conferir a afirmação: “(...) embora o estruturalismo se encontre inteiramente penetrado de reflexões sobre a retórica, a metáfora e a metonímia; de facto, mesmo essas figuras implicam deslocamentos estruturais que devem dar conta quer do próprio que do figurado.” p.248.

⁶ Enumeraremos os critérios segundo a ordem de aparecimento proposta pelo autor, transcrevendo-os em negrito.

“Ora, o primeiro critério do estruturalismo é a descoberta e o reconhecimento de uma terceira ordem, de um terceiro reino: o do simbólico. É a recusa em confundir o simbólico tanto com o imaginário como com o real que constitui a primeira dimensão do estruturalismo. Mais uma vez, tudo começou pela lingüística: para além da palavra, na sua realidade e nas suas partes sonoras, para além das imagens e dos conceitos associados às palavras, o lingüista estruturalista descobre um elemento de natureza completamente diferente, objecto estrutural.”⁷

Para explicitar tal afirmação – “tudo começou pela lingüística” – cabe uma outra citação do autor, que diz em uma passagem anterior: “É correcto atribuir à lingüística a origem do estruturalismo: não só Saussure mas também a escola de Moscovo, a escola de Praga. (...) Na verdade, só há estrutura do que é linguagem, mesmo que se trate de uma linguagem esotérica ou não verbal.” (idem, pp. 245 e 246)

O objeto estrutural é, então, objeto simbólico. Muito além da ordem da unidade (“o pai real é um ou pretende sê-lo segundo a sua lei”), muito além da ordem da dualidade (“a imagem do pai é sempre dupla em si mesma”), **a ordem do simbólico instaura um terceiro caminho de interpretação:** “Distinto do real e do imaginário, não pode definir-se nem por realidades preexistentes para o que remeteria e que designaria, nem por conteúdos imaginários que implicaria e que lhe confeririam uma significação (...) apenas tem um *sentido*: **um sentido que é necessariamente e unicamente de posição.**” (idem, p. 249 – grifos meus)

Em suma, para Deleuze, a ordem do simbólico constitui o “subsolo de todos os solos do real e de todos os céus da imaginação.” (idem, p.247) Na ordem significativa da estrutura, o sentido se faz, então, como **multiplicidade**, como resultado de uma combinatória de elementos. **Toda estrutura coloca, então, um problema de variáveis de posição, que, segundo o autor, nada têm a ver com uma forma (real) ou com figuras (imaginário).** Desse modo, na ordem de relações entre o real, o simbólico e o imaginário, a metáfora funcionaria como figura da imaginação, não entrando, então, nas outras esferas anteriores. Desde já, colocase um problema para a metáfora em Deleuze. Figura da imaginação ou significação de extensão, como aparece diversas vezes nomeada no decorrer do ensaio, a metáfora colocase como se estivesse em lugar errado, pois se é fenômeno do imaginário e essa noção não se confunde com o simbólico, como poderia então a metáfora trabalhar o simbólico (constituir um deslocamento estrutural), na medida em que é trabalhada pelo imaginário? Como poderiam então, imaginário e simbólico ser um só ponto nos domínios do estrutural? Trata-se de uma combinatória, uma multiplicidade de relações, que incidem sobre os elementos, sobre as variáveis de posição.

Essa noção de posição dá forma a um segundo critério de reconhecimento do estruturalismo, que Deleuze chama de **local ou de posição**, isto é, a posição configura um **espaço topológico**, um **lugar na estrutura**, elemento simbólico, sentido de posição: “(...) puro *spatium* constituído gradualmente como ordem de vizinhança, em que a noção de vizinhança tem precisamente, em primeiro lugar, um sentido ordinal e não uma significação na extensão. (...) Pai, mãe, etc., são em primeiro lugar, lugares numa estrutura; e se somos mortais é entrando na fila, chegando a determinado lugar, marcado na estrutura segundo essa ordem topológica das vizinhanças (mesmo quando passamos à frente da nossa vez).”⁸

⁷ Deleuze, G., op. Cit., pp. 246 e 247, por ordem de aparição dos fragmentos citados.

⁸ DELEUZE, op. Cit., pp. 249 e 250.

Desse modo, o lugar é sempre anterior em relação àquele que o ocupa e, uma das consequências dessa compreensão topológica da significação é, segundo o autor, que o **sentido** é sempre um resultado, **um efeito**: “não só um efeito como produto, mas também um efeito de óptica, **um efeito de linguagem**, **um efeito de posição**.”⁹ As coisas só se fazem sentido quando compreendidas como elemento simbólico, como objeto estrutural. Nada significa fora do espaço simbólico que a estrutura circunscreve.

Finalmente, já na formulação do primeiro critério de reconhecimento do estruturalismo, o autor considera estruturalistas, na diversidade dos domínios que exploram, o linguista R. Jakobson, o sociólogo C. Lévi-Strauss, o psicanalista J. Lacan, os filósofos M. Foucault e L. Althusser, o crítico literário R. Barthes. Dessa forma, responde à pergunta “Quem é estruturalista?”, propondo, então, “personagens reais” que, na verdade, configuram a ordem dos “amigos” do conceito, isto é, segundo a descrição deleuzeana, todos os conceitos, em sua formulação, “ont besoin des personnages conceptuels qui contribuent à leur définition.”¹⁰ Ao longo da discussão, os trabalhos e projetos desses autores são sempre invocados como exemplo para o reconhecimento do estruturalismo.

Com a introdução de um terceiro critério de reconhecimento do estruturalismo, Deleuze irá distinguir a natureza do simbólico: **o diferencial e o singular**. Mais uma pergunta introduz a questão: “Em que consistem, afinal esses elementos simbólicos ou unidades de posição?”

Para fazê-la significar, o autor toma um exemplo da linguística. Mais especificamente, apresenta uma definição de fonema: “O fonema é a mais pequena unidade lingüística capaz de diferenciar duas palavras de significação diversa: por exemplo, *canto* e *manto*.” (idem, p.252) Assim, o que distingue esse objeto estrutural é, segundo Deleuze, o fato de não existir independentemente das relações fonéticas que o unem a outros fonemas. O autor caracteriza-as como “relações diferenciais” ou “simbólicas”. Portanto, a grande questão aqui é a de determinar a distinção entre esse tipo de relação e duas outras anteriores, isto é, as “relações reais” e as “relações imaginárias”: as relações reais acontecem entre elementos reais, que têm uma designação extrínseca, uma realidade empírica dada (“2+3”); as imaginárias, entre elementos que têm uma significação intrínseca, um conteúdo imaginário anterior, que lhe conferiria uma significação (“x+y=0”); e as relações diferenciais são aquelas que estabelecem-se “entre elementos que não possuem qualquer valor determinado e que contudo se determinam reciprocamente na relação”¹¹ (“ydy=xdx”). Pois, nada significa fora do espaço simbólico que a estrutura circunscreve.

A essas relações simbólicas ou diferenciais, corresponderia, simultaneamente, conforme o autor, um sistema de pontos, singularidades que lhe são próprios. No domínio das relações entre os fonemas, em uma dada língua, por exemplo, as singularidades corresponderiam a pontos “em cuja vizinhança se constituem as sonoridades e as significações da língua.” Assim, as relações diferenciais consistiriam em uma atualização das relações reais na estrutura, enquanto as singularidades são pontos de materialização, na

⁹ Idem, p.251.

¹⁰ Conferir: DELEUZE, G. et GUATTARI, F. (1991) Qu'est-ce la philosophie. Paris: Les Éditions de Minuit. (p.8).

¹¹ Idem, p.252. Grifo nosso.

estrutura, “de atitudes imaginárias dos seres (encarnados em elementos simbólicos) que os vêm ocupar.”

O diferencial é o real na estrutura; as singularidades são a emergência de pontos para a manifestação de atitudes imaginárias na estrutura. Então esse é o lugar da metáfora na estrutura.

Trazido por esse terceiro critério, pois não podemos compreendê-los em sua distinção, aparece um quarto, que segundo nossa compreensão, é o que define a natureza *virtual* da estrutura. Em **o diferenciante, a diferenciação**, a questão fundamental posta pelo autor é que **qualquer estrutura atualiza-se, encarna-se em potencialidades diversas. A estrutura é uma projeção dessas potencialidades** “*real sem ser actual, ideal sem ser abstracta.* (...) **Qualquer estrutura é uma multiplicidade de coexistência virtual.**” Assim: “Não há língua total, encarnando todos os fonemas e relações fonemáticas possíveis; mas a totalidade virtual da linguagem actualiza-se segundo direcções exclusivas em línguas diversas, onde cada uma encarna certas relações certos valores de relações e certas singularidades.”

Eis o que configura a diferenciação. Eis o que coloca uma outra variável: a diferenciação, a atualização das potencialidades estruturais implica sempre em “temporalidade” específica, que se distingue em duas ordens inseparáveis de relações: uma “relação de sucessão” temporal entre elementos na estrutura que exprime “os tempos internos da estrutura ou das estruturas”, cuja temporalidade não se dá na sucessão, mas na profundidade. É isso que define o movimento do tempo na estrutura: “A posição do estruturalismo sobre o tempo é, assim, muito clara: o tempo é sempre um tempo de actualização segundo o qual se efectua, a ritmos diversos, os elementos de coexistência virtual.”¹²

Mas tudo isso só faz funcionar a estrutura se os elementos simbólicos “tomados nas suas relações diferenciais, organizam-se necessariamente em série” e, “relacionam-se com outra série”, sem ser mero reflexo, mas sendo “capaz de um desenvolvimento autónomo”, relacionando a primeira série com outra(s). **Qualquer estrutura é, então, uma multiplicidade serial.** Este é o quinto critério de reconhecimento do estruturalismo. A esta altura, não podemos deixar de dizer que, o que se percebe é que, os critérios, em sua multiplicidade, realizam uma oposição dual constitutiva da estrutura. Isto é, para Deleuze, há uma dualidade que opera a constituição da estrutura, modelada pelas duas variáveis propostas pelo autor: *o espaço e o tempo*.

De todos esses, faltava tratar do sexto e último critério. Em **a casa vazia**, Deleuze parece fechar esse ciclo de reconhecimento do estruturalismo, propondo um “grau zero” de existência do estrutural, um “objeto = x”, imanente a todas as estruturas, a todas as séries de estruturas, que, ao mesmo tempo em que as cruza todas, “falta no seu lugar”, é casa vazia. Essa ordem de sentido se constitui de maneira paradoxal pois, segundo o autor, em qualquer estrutura é “perfeitamente determinável”, mas “não é designável: ou seja, não é fixável num lugar, identificável num gênero ou numa espécie (...) só tem identidade por estar ausente dessa identidade e lugar por se deslocar em relação a qualquer lugar.” (idem, p. 268)

A casa vazia (o objeto estrutural, o objeto simbólico) reúne, em sua natureza paradoxal, as instâncias de constituição da estrutura: o espaço e tempo delineados num sentido imanente. Uma metáfora para explicar o estruturalismo.

¹² Os fragmentos citados nesta página encontram-se, respectivamente, às páginas 253, 255, 256 e 257 da obra em questão.

Dessa forma, o que nos interessa fundamentalmente da discussão proposta por Deleuze, é essa tensão constitutiva para o sentido, na medida em que considera a singularidade na construção da metáfora como esse ponto de emergência do imaginário na estrutura. Uma tensão constitutiva para a significação metafórica.

Tentaremos então propor um esquema para sintetizar os conceitos que acabamos de descrever. Nesse esquema, duas categorias – o espaço e o tempo – se destacariam, pois, a partir delas, estariam distribuídos os critérios para reconhecimento do estruturalismo e para a configuração dos domínios do deslocamento estrutural:

Espaço	O simbólico	A posição	O diferencial	A casa vazia
Tempo	O diferenciante		O serial	

Em termos enunciativos, esta dinâmica que inclui uma distribuição para os critérios de reconhecimento do estruturalismo e do objeto estrutural na dimensão espaço-temporal configuraria o trabalho de deslocamento da textualização e da retextualização do sentido na temporalidade do acontecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando se trata de linguagem, sabemos que as questões nunca se resolvem de imediato; felizmente, elas vêm e vão sempre, numa reinvenção constante. Nesse sentido, como compreender os procedimentos de textualidade, em suas relações com a significação no deslocamento estrutural? Em outros termos, como dizer a relação entre os domínios da significação em sua ancoragem na temporalidade do deslocamento estrutural, enquanto acontecimento enunciativo?

Poderíamos pensar em pelo menos um modo de estabelecer essa compreensão ao retomarmos as formulações de Deleuze sobre o conceito de estrutura, isto é, ao pensarmos em um quadro teórico em que esta seja compreendida não como um fenômeno que acontece no interior de um quadro de homogeneidade lógica, mas como um deslocamento estrutural (ou um deslocamento no estrutural). A estrutura marcaria então o ponto de materialização da significação na língua, como momento em que se mostra que é estabilizado o que não é estabilizado, cujas relações, agora compreendidas na dinâmica enunciativa, seriam interpretadas como espaço de retextualização do sentido, refazendo então a divisão analítica entre sentença e enunciado. O que permite esse modo de ver o processo é o estabelecimento de uma reflexão sobre o funcionamento metafórico na dimensão das relações de sentido no deslocamento estrutural.

Isso pode ser visto, por exemplo, em Deleuze, que coloca várias tensões para a metáfora, ao mesmo tempo em que propõe metáforas interessantes, como o exemplo da sequência em que trata da “casa vazia” para falar do lugar da significação na estrutura. A discussão de Deleuze também interessa por acrescentar uma compreensão do nível linguageiro na discussão do metafórico, no sentido em que indica a necessidade de se abrir os olhos para “a discursividade” desse processo de significação (Deleuze, como sabemos, não é analista

do discurso, mas apresenta pontos de discussão da significação metafórica que se abrem para o acontecimento). Em resumo, isso é, para mim, ver a estrutura, no acontecimento, como multiplicidade: como espaço de representação do sentido na língua, em suas diferentes ordens de relações, em um jogo de tensões, de múltiplas possibilidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHARAUDEAU, P. e MAINGUENEAU, D. (Orgs.) (2002). *Dictionnaire d'analyse du discours*. Paris: Éditions du Seuil.
- DELEUZE, G. (1983). “Como reconhecer o estruturalismo? In: BOUVERESSE, J. *O século XX*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- GUIMARÃES, E. (2002). *Semântica do acontecimento: Um estudo enunciativo da designação*. Campinas: Pontes.
- _____. (2004). *História da semântica*. Campinas: Pontes.
- JOANILHO, M.P.G. (2005). *As metáforas da língua nacional*. Tese de Doutorado. Campinas: Unicamp. Inédita.
- PÊCHEUX, M. (1990). O discurso: estrutura ou acontecimento. (Trad. Eni Pulcinelli Orlandi). Campinas: Pontes.
- SÉRIOT, P. (1999). *Structure et totalité*. Paris: Presses Universitaires de France. (Collection Linguistique nouvelle).
- XAVIER, M.F. e MATEUS, M.H. (Orgs.) (1992). *Dicionário de termos lingüísticos*. Lisboa: Livraria Arco Íris. Volume II.